



GRES Unidos da Democracia: As Escolas de Samba do Rio de Janeiro e os enredos políticos nos anos 1980

Guilherme José Motta Faria

Pós-doutorando em História (USP), Doutor em História (UFF), Mestre em História (UERJ);

RESUMO

Durante os anos 1980 ocorreram diversos movimentos políticos, sociais e culturais que impactaram a sociedade brasileira. As Escolas de Samba, ao longo da década também foram espaços de vocalização das insatisfações, críticas e proposição de projetos que levavam em conta a reivindicação dos direitos. Ao apresentar enredos de viés político e social, as agremiações cariocas exerceram seu papel de porta-voz de um grupo considerável da população brasileira, que buscava canais de comunicação para explicitar sua cidadania. A análise realizada se baseou em matérias dos periódicos que cobriram o evento, sites de jornalistas contemporâneos, letras dos sambas, sinopses dos enredos e vídeos dos desfiles, disponibilizados na internet.

Palavras-Chave

Escolas de Samba, enredos, crítica política.

Abstract

During the 1980s there were several political, social and cultural movements that impacted Brazilian society. The Samba Schools, throughout the decade were also spaces for vocalization of the dissatisfaction, criticism and proposition of projects that took into account the claim of rights. In presenting political and social scenarios, the Carioca associations played the role of spokesperson for a considerable group of the Brazilian population, which sought communication channels to make explicit their citizenship. The analysis was based on articles from the periodicals that covered the event, contemporary journalist websites, sambas lyrics, plot summaries and videos of the parades, available on the internet.

Key words

Samba schools, story, political criticism.

Primeiros Acordes

Durante os anos 1970/80 ocorreu grande produção de bens culturais, que conectadas as questões políticas gerou vários desdobramentos nas nossas práticas culturais, ora de contestação, ora de enaltecimento de ideologias que se contrapunham no cotidiano. Era preciso criar espaços, brechas de intervenção para o retorno da

normalidade democrática, a partir de campanhas e movimentos com efetiva participação popular.

As Escolas de Samba conectadas ao período em destaque se mostraram também engajadas. Com a adoção de temas críticos à realidade social e política brasileira, com os embates dos agentes culturais das Escolas de Samba com os agentes da Censura e a participação direta das comunidades das agremiações nas campanhas e movimentos políticos posso analisar o processo histórico a partir de um grupo de atores políticos, geralmente vistos como despolitizados, vitimados pela “ignorância” e passíveis às ações de políticos ambiciosos e “populistas”. Uma pesquisa mais aprofundada permite o desvelar de posturas e intencionalidades que se contrapõe ao senso comum e apresenta momentos de postura crítica e política nas agremiações do Rio de Janeiro.

As Escolas de Samba clamam pelos Direitos Humanos

Apostando no bicampeonato do Carnaval carioca a Unidos de Vila Isabel escolheu como tema para o carnaval de 1989 a celebração dos 40 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com o enredo *Direito é Direito*. A visibilidade das discussões propostas pela agremiação estaria amplificada por conta de sua privilegiada condição de campeã. O momento político efervescente, quando a nova Carta Constitucional estava recém outorgada era propício para a Escola manifestar seus anseios e reivindicações em relação aos direitos que ainda continuavam a ser negados.

O clamor da Vila Isabel, ao final dos anos 1980 não havia sido um momento isolado. Ao longo da década outras agremiações levantaram sua voz e plasticamente apresentaram elementos que manifestavam sua contrariedade com o desrespeito constante aos Direitos Humanos presentes na *Declaração Universal*.

Esse processo, entretanto, não se verificou em todas as Escolas, mas, os exemplos, trabalhados neste artigo possibilitam ampliar uma narrativa que permite compreender o papel desempenhado pelas agremiações nos embates, disputas, conflitos e negociações que se estabeleceram ao longo dos anos 1980, tendo a avenida dos desfiles como palco dos debates estabelecidos no cotidiano do brasileiro.

As Escolas de Samba do Rio de Janeiro e os movimentos de redemocratização política no Brasil (Anistia e Abertura)

Nas leituras realizadas para esse artigo, encontrei no texto de Francisco Carlos Teixeira da Silva um pequeno parágrafo que me despertou a atenção. Ao comentar sobre uma bomba que explodiu na quadra do Salgueiro, dentro do período de reação da extrema direita militar que desejava impedir o processo de abertura política, percebi que minha observação sobre a participação das Escolas de Samba nos movimentos de retomada da normalidade da vida política brasileira tinha fundamento. Busquei outras fontes para precisar a data do ocorrido e encontrei diversos textos que comprovavam o fato.

No dia 27 de janeiro de 1980, explodiram bombas durante os ensaios da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, destruindo o palanque onde se iria acontecer um ato de apoio à fundação do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), antigo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). (TEIXEIRA Da SILVA, 2003, 270)

Uma pesquisa mais aprofundada no Acervo Digital do *JB* me ampliou a percepção e maior compreensão deste fato¹. Dessa forma, me apropriei dessa evidência, que se constituiu como uma preciosa pista para nortear minhas convicções de historiador do campo cultural, que elegeu as Escolas de Samba como objeto de pesquisa. As agremiações cariocas, tidas como espaços culturais ligadas ao lazer e estereotipadas por parte dos intelectuais como “organizações alienadas” também participaram e estavam inseridas nas lutas pelo retorno da democracia no Brasil. Assim, as Escolas de Samba, enquanto instituições públicas, tiveram participação no desenrolar dos movimentos contestatórios ao regime militar e podem ser comparadas como outras instituições culturais e políticas como os Sindicatos, a UNE, a OAB, aos partidos, aos artistas e intelectuais.

A Homenagem explícita da Vila Isabel a Declaração dos Direitos Humanos foi apresentada em 1989, entretanto a mesma agremiação, em 1980 buscou o diálogo com os artigos da DUDH e trouxe para a avenida conceitos e questões que permitiam expressar o descontentamento com o cerceamento das liberdades que, naquele momento ainda estavam vigentes. A partir da poesia de Carlos Drummond de Andrade, Martinho da Vila compôs um “inspirado” samba, em parceria com Rodolfo e Graúna, e conseguiu, no ano seguinte à promulgação da Lei da Anistia, levar para a avenida uma composição que tocava em questões complicadas para o período, como

¹ *Jornal do Brasil*, 28/01/1980, capa e pg.12.

a liberdade, a tortura, a clausura e as relações de poder estabelecidas pelo princípio do autoritarismo.

Sonhei/que estava sonhando um sonho sonhado/O sonho de um sonho/Magnetizado/As mentes abertas/Sem bicos calados/Juventude alerta/Os seres alados/Sonho meu/Eu sonhava que sonhava (bis)/Sonhei/Que eu era um rei que reinava como um ser comum/Era um por milhares, milhares por um/Como livres raios riscando os espaços/Transando o universo/Limpando os mornaços/Ai de mim/Ai de mim que mal sonhava (bis)/Na limpidez do espelho só vi coisas limpas/Como uma Lua redonda brilhando nas grimpas/Um sorriso sem fúria, entre o réu e o juiz/A clemência, a ternura/Por amor da clausura/A prisão sem tortura/Inocência feliz/Ai meu Deus/Falso sonho que eu sonhava/Ai de mim/Eu sonhei que não sonhava/Mas sonhei...

Em matéria anterior ao carnaval, a jornalista Maria Helena Dutra fez uma análise dos sambas e retratou a expectativa em relação ao desfile da agremiação. O comentário ressaltou as qualidades do samba, mas teceu intrigantes comentários sobre seu teor carnavalesco e lançou dúvidas sobre a visualidade que seria apresentada, “Ninguém sabe muito bem é qual alegoria corresponderá ao verso “puro amor na clausura/a prisão sem tortura”².

O comentário da jornalista é, no mínimo intrigante, sobretudo, no que diz respeito da expectativa de como o teor político seria tratado como tema, gerando elementos plásticos no desfile da Vila Isabel. Na edição posterior do Carnaval, a jornalista Susana Schild recebeu a tarefa de analisar o desfile. As dúvidas levantadas por Maria Helena Dutra, no texto pré-carnavalesco foram parcialmente respondidas, na matéria que analisou as apresentações das agremiações, sob o título de *Sonho Feliz*. Sobre a visualidade que a Escola apresentou, Schild descreveu de forma detalhada a tonalidade das fantasias, a divisão setorial do enredo e a receptividade do público em relação ao desempenho da Vila Isabel. A jornalista destacou também a opção dos carnavalescos por adereços leves e simples, acentuando que a evolução da Escola era um item fundamental para a avaliação geral do desfile.

A cobertura pós-carnavalesca tinha suas limitações de espaço no jornal e os comentários eram bastante sucintos, entretanto a jornalista destacou a ala dos presos, a representação mais explícita em relação ao momento de maior violência do regime ditatorial, resultando em muitas prisões, exílio e tortura. A opção pela “leveza” na

² *Jornal do Brasil*, 15/2/1980, Caderno B, p.2.

abordagem do “doloroso” tema não esconde a coragem da Escola em expor o assunto, “Ala das mais animada, sem dúvida, foi a dos presos, felizes em uniformes listrados de azul e branco, numerados com 1980. Sambavam de tênis e soltavam a voz para cantar “a prisão sem tortura”³. “Foi a vez mais direta que, naqueles tempos, uma escola de samba clamou pela liberdade, sobretudo na ousadia contida no verso “a prisão sem tortura” (OTÁVIO e JUPIARA, 2016, p.73).

No mesmo ano de 1980, a Mocidade Independente de Padre Miguel, em seu enredo *Tropicália Maravilha* contribuiu para o debate político e pela adoção da anistia. Ao contrário da Vila Isabel, a crítica política realizada pela Mocidade não estava contida no samba e sim nos elementos plásticos, descritos pela jornalista Maria Lúcia Rangel. Seu texto, utilizando argumentos do próprio carnavalesco, estabelecia a proposta temática com as fantasias e alegorias apresentadas, ressaltando uma delas, no encerramento do desfile que “escancarava” a palavra anistia.

[...] E foi um turbilhão de brilho que passou pela avenida, em frutas tropicais (“Difícil foi convencer o sambista a se fantasiar de caju”), além de morangos e maçãs, bichos, índios, flores, futebol e até Caetano Veloso e Juscelino participando de um mesmo cartaz. Também vieram Carmen Miranda, Chacrinha e até um carro alegórico que carregava a anistia em letras gigantes.⁴

Uma das fontes utilizadas nesta pesquisa são os vídeos disponibilizados na internet, dos desfiles que as emissoras de TV (a Rede Globo, em especial) realizaram. Em relação a alegoria “anistia” observei que o âncora da transmissão, o jornalista Léo Batista não fez nenhuma menção a sua passagem na avenida. Enquanto as imagens destacavam as letras garrafais da palavra, o jornalista parecia estar emudecido⁵. O fato me fez pensar sobre a possível autocensura que era uma praxe comum na emissora carioca (FARIAS, 2006).

O último parágrafo da crítica da jornalista ressaltou a qualidade da bateria, para ela a melhor do grupo 1A. Sua observação também destacou a visualidade dos componentes da bateria da Escola, “com a fantasia maravilhosa de índio aculturado, de óculos escuros e peruca lisa”⁶, inseridas na proposta do enredo e reveladoras de

³ *Jornal do Brasil*, 20/2/1982, caderno B, p. 4.

⁴ *Jornal do Brasil*, 20/2/1980, caderno B, p. 4.

⁵ www.youtube.com/watch?v=z4KkB51gkDQ, pesquisado em 06/11/2016.

⁶ *Jornal do Brasil*, 20/2/1980, caderno B, p. 4.

mais um elemento crítico sobre um dos vetores étnicos de nossa sociedade, quase extintos no período em questão.

As Escolas de Samba criticam a Censura

Em relação a ação dos órgãos censores subordinados ao governo, outras agremiações podem ser destacadas. No carnaval de 1981, em relação a manifestação política foi o desfile da Estação Primeira de Mangueira, com seu enredo sobre o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, falecido em 1976, que as intencionalidades da agremiação se revelaram direcionadas ao debate sobre temas políticos que estavam no centro dos debates.

Ao escolher o personagem de seu tema, a Mangueira “desafiava” o poder dos governos autoritários que mantiveram JK fora do jogo político, desde sua cassação, nos primeiros momentos da “revolução de 1964”. Na edição pós-carnavalesca, estampando parte da capa do Caderno B, *O Jornal do Brasil* apresentou a foto de um dos carros alegóricos da Escola e destacou na legenda, “A Mangueira, pedindo eleições, justiça, democracia e feijão, foi uma das escolas que trouxeram a política de volta ao desfile das escolas principais”⁷. Na matéria, assinada por Luiz Mario Gazzaneo, em um dos trechos, o jornalista destacou a importância do homenageado e suas lutas políticas, em consonância com os direitos humanos.

*[...]Em seguida, o enredo. Contado livremente preocupado mais com o que marcou a vida de JK do que com o relato cronológico. Primeiro, um carro, com o Peixe Vivo, e logo após os fatos da vida do Presidente: a evocação de seu mandato e o que ele desejou até o fim de sua vida – a liberdade, a democracia, a anistia, o progresso para todos. [...]*⁸

Ao abordar a relação sempre conflituosa entre os cartunistas e os políticos, o Salgueiro, em 1983 dialogou com os novos ares democráticos, o abrandamento da censura e ampliava o debate, inserindo com “molho crítico” o direito do indivíduo de ter sua opinião garantida por lei. A agremiação do bairro da Tijuca apresentou o enredo intitulado *Traços e Troças*, sobre as caricaturas representadas em tom de ironia, criticando a ação da censura e a proibição de “certos assuntos”, citados na letra do samba, de autoria de Celso Trindade e Bala.

Eu sou o Rio e Rio à toa/Só rio de quem me impede de sorrir/A minha pena não tem pena nem perdoa/Mexe com qualquer pessoa/Ela quer se divertir/Será que a política não vai me censurar?/Já sei, certos momentos

⁷ *Jornal do Brasil*, 04/3/1981, Caderno B, Capa.

⁸ Idem, idem.

não se pode criticar!/Gozar, traçar, ferir/Fazendo de novo meu povo feliz/Riscando aquilo que ele não diz/Bota a banca na avenida/Edição especial (bis)/Olha aí o jornaleiro/A piada está com sal/Caricaturando/Virando a tristeza pelo avesso/A arte irradiou/Com um raio de luz de humor/A melindrosa, Amigo da Onça, almofadinha/Cantando em louvor ao artista/Caricaturista, revista e jornal/O Carnaval é a maior caricatura/Na folia, o povo esquece a amargura.

A expectativa era grande para o desfile da agremiação, sempre louvada por suas contribuições nos desfiles, sobretudo nos anos 1960. Na edição do sábado de carnaval, o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria que revelava as intenções da Escola, apontando o ineditismo do tema e as possibilidades de sátira e crítica política que a agremiação poderia explorar. A quantidade de políticos citados e as alegorias propostas procuravam aguçar a atenção do espectador e demonstrar o direcionamento estético/ideológico que seria a tônica do desfile salgueirense.

O Presidente Figueiredo, o Governador eleito Leonel Brizola, a Deputada Ivete Vargas e a ex-Deputada Sandra Cavalcanti, o Ministro Delfim Neto e os presidentiáveis Paulo Maluf, Antônio Carlos Magalhães, Otávio Medeiros, Aureliano Chaves e Mario Andreazza desfilarão na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro para arrancar aplausos e risos das arquibancadas e camarotes lotados de foliões, turistas e autoridades. Não irão, evidentemente em pessoa, mas caricaturados em bonecos de fibra de vidro, fantasiados de astronautas, melindrosas e candidatos derrotados. Eles são alguns dos personagens principais do enredo Traços e Troças que a escola vai mostrar na avenida, contando a história da caricatura brasileira. O Presidente surgirá montado num cavalo branco, estilo São Jorge, perto de uma lua prateada, fantasiado de astronauta, o Ministro Delfim Neto abre o desfile carregando o estandarte da escola - “Nem melhor, nem pior, apenas uma escola diferente”. Brizola aparece no carro abre-alassaindo de dentro do Pão de Açúcar todo loteado pelas imobiliárias. Ivete Vargas e Sandra Cavalcanti lideram um grupo de melindrosas e os presidentiáveis, Ministro Mario Andreazza e Otávio Medeiros, o Vice-Presidente Aureliano Chaves, o Governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães e o Deputado Paulo Maluf, aparecem com cara de derrotados num carro que tem ao fundo o Palácio do Planalto e um trono ocupado por Odorico Paraguassu, o prefeito de Sucupira, da série O Bem-Amado.⁹

O resultado, entretanto, foi muito aquém das expectativas. O jornalista Luiz Mario Gazzaneo, em sua crítica ao desfile foi bastante efetivo em apontar inúmeros pontos negativos na apresentação do Salgueiro. Com o título, “Nem Traços nem Troças – E o Rio não riu”, o jornalista apresentou suas impressões de um “desastre” ou “desperdício” na apresentação do Salgueiro.

Os traços e troças que a Acadêmicos do Salgueiro prometia como o carnaval que reviveria o espírito da escola – a criatividade, a alegria, a novidade – não aconteceram na Marquês de Sapucaí. Ela desfilou da mesma forma que nos últimos anos, nem melhor, nem pior, mas cometeu uma barbaridade,

⁹ *Jornal do Brasil*, 12/2/1983, p.7.

*jogou fora uma das melhores ideias de enredo do carnaval carioca [...]O que prometia o Salgueiro? Humor, sátira, crítica, a vida brasileira vista pelos artistas da charge (do traço) através dos personagens que eles criaram; prometia assim a irreverência tão carioca, tão povo. [...]*¹⁰

Os pontos mais ressaltados em sua crítica foram as falhas e falta de criatividade.

Em seus apontamentos o “pecado” maior da Escola foi a precária finalização, sobretudo das alegorias. Até mesmo quando o jornalista aparentemente fazia um comentário positivo, na sentença seguinte mantinha sua “artilharia pesada”.

As vastas possibilidades de diálogo entre a criação dos chargistas e caricaturistas, com a realidade política, social e econômica no Brasil permitiriam a emissão de mensagens, a partir dos recursos visuais e linguísticos que teriam todas as chances de impactar os espectadores, ou pelo menos envolvê-los com o desfile de forma catártica. Assim como, quando assistimos um filme de humor, no qual rimos, na maioria das vezes de situações absurdas e ridículas que os personagens vivenciam nas telas, reproduzindo as nossas ações também absurdas e ridículas. Rimos de nós mesmo, como se estivéssemos nos olhando no espelho.

O final do texto lançou uma dubiedade em sua construção, “E para dar uma colher de chá, o abre-alas com o Pão de Açúcar urbanizado e o Brizola na cabeça (?)”. O que parecia ser um elogio se transmutou em questão aberta. A ironia, também se situou em ambiguidades: a homenagem ao governador eleito, ainda não empossado, na relação que popularmente era feita com o sobrenome do governador e o hábito crescente do consumo de cocaína na noite das grandes cidades do mundo, incluindo o Rio de Janeiro. Sobre o “homenageado”, o futuro governador conseguiu estabelecer o fenômeno da representação (CHARTIER, 1990), pois mesmo ausente foi uma presença quase onipotente¹¹. Na teoria da recepção, muitas vezes o efeito imaginado acaba se tornando nulo. Entre a intencionalidade da proposta e a sua execução existem lacunas, na má execução ou na falta de clareza dos signos representados (MARTÍN-BARBERO, 2009). A apresentação salgueirense parece ter incorrido nos dois pecados, apontados no texto de Gazzaneo.

As Escolas de Samba e as *Diretas Já!*

¹⁰ Jornal do Brasil, 16/2/1983, Caderno B, p.4.

¹¹ *Jornal do Brasil*, Informe JB, 16/2/1983, Caderno B, p. 3.

Os enredos sociais, políticos e econômicos tiveram grande representatividade na Caprichosos de Pilares, desde sua estreia no grupo 1A, em 1983. A agremiação trouxe um ampliado leque de temáticas de verve crítica e satírica, “iluminando” os problemas políticos e econômicos do país. A Escola apresentou momentos marcantes onde o desejo de debater os acontecimentos políticos se tornava necessidade dos artistas, dos sambistas e do público que ansiava o fim da censura. A consagração da agremiação do bairro de Pilares veio em 1985 com o enredo *E por falar em saudade*. Retratando temas importantes como a inflação, moradia, emprego, qualidade de vida, foram retratados no samba dos compositores Almir de Araújo, Balinha, Marquinho Lessa, Hércules e Carlinhos de Pilares.

Oh! Saudade, ô/Meu carnaval é você/Caprichosamente/Vamos reviver, vamos reviver... "Saudadeando" o que sumiu no dia-a-dia/Na fantasia de um eterno folião/O bonde/O amolador de facas/O leite sem água/A gasolina barata/Aquela Seleção Nacional/E derreteram a taça na maior cara-de-pau/Bota, bota, bota fogo nisso (bis)/A virgindade já levou sumiço/(Quero votar!)/Diretamente, o povo escolhia o presidente/Se comia mais feijão/Vovó botava a poupança no colchão/Hoje está tudo mudado/Tem muita gente no lugar errado/Onde andam vocês, ô ô ô/Antigos carnavais?/Os sambistas imortais/Bordados de poesia/Velhos tempos que não voltam mais/E no progresso da folia/Tem bumbum de fora pra chuchu (bis)/Qualquer dia é todo mundo nu.

As referências aos problemas sociais, econômicos e dos valores comportamentais da nossa sociedade, trabalhados de forma crítica e satírica atingiu em cheio os espectadores. O samba já havia sido consagrado no período pré-carnavalesco e no desfile alcançou sua magnitude. Uma simbiose perfeita entre os componentes da Escola e o público, em catarse cantando seus anseios e frustrações, seus sonhos e saudosismo com o passado que parecia ser bem menos pesado do que a década de 1980 estava oferecendo.

As observações sobre futebol, as formas de economizar dinheiro, os costumes, os transportes e a certeza que o povo deveria retomar as rédeas da democracia, reconquistando o direito de votar diretamente para presidente da república, demonstrando no espaço temporal do carnaval a insatisfação com a derrota da emenda Dante de Oliveira, na campanha das *Diretas Já!*, O clamor pelo direito de escolher democraticamente nossos governantes foi um dos motes que tiveram maior impacto na proposta temática da agremiação.

As Escolas de Samba exercem sua cidadania

O Carnaval de 1986 registrou muitos enredos que se utilizaram da crítica política, direta ou indireta nos desfiles das agremiações do grupo especial. Entre os enredos apresentados naquele ano o que permite uma conexão direta com os clamores populares foi o do Império Serrano, intitulado *Eu Quero*. A letra do samba foi aclamada como um verdadeiro libelo, carta de intenções para a futura constituição, que estaria sendo construída nos anos seguintes, culminando com sua outorga em 1988. Seus compositores, Aluízio Machado, Luiz Carlos do Cavaco e Jorge Nóbrega, com suas “armas” estilísticas de linguagem exerceram funções de deputados e a Escola lançou suas reivindicações e questões que não poderiam ficar ausentes na próxima Carta constitucional.

Eu quero, a bem da verdade/A felicidade em sua extensão/Encontrar o gênio em sua fonte/E atravessar a ponte/Dessa doce ilusão/(Quero, quero, quero sim)/Quero que meu amanhã, meu amanhã/Seja um hoje bem melhor, bem melhor/Uma juventude sã/Com ar puro ao redor (bis)/Quero nosso povo bem nutrido/O país desenvolvido/Quero paz e moradia/Chega de ganhar tão pouco/Chega de sufoco e de covardia/Me dá, me dá/Me dá o que é meu/Foram vinte anos/Que alguém comeu (bis)/Quero me formar bem informado/E meu filho bem letrado/Ser um grande bacharel (bacharel)/Se por acaso alguma dor/Que o doutor seja doutor/E não passe de bedel/Cessou a tempestade/É tempo de bonança/Dona liberdade/Chegou junto com a esperança (vem, meu bem)/Vem meu bem, vem meu bem/Sentir o meu astral, que legal/Hoje estou cheio de desejo/Quero te cobrir de beijos/Etecetera e tal (bis).

O jornalista Gustavo Melo, em artigo no Jornal *Extra* apontou esse momento carnavalesco como um momento especial de junção do campo político e cultural. Seu texto, de 2014, se relaciona em perspectiva com os fatos e consegue perceber o legado da experiência vivida pelo Império Serrano em completa sintonia com o público.

Anos 80. O Brasil cobriu-se com o manto verde da esperança depois de duas décadas sob o comando verde-oliva dos militares. Mais do que clarear o matiz de um novo tempo, o país vivia a retomada das rédeas do próprio destino. Sentimento que ecoou na Avenida em 1986, quando o Império Serrano cantou um dos sambas mais marcantes da década: [...]Obra que caiu na boca do povão ao celebrar o raiar de uma era vivida pelos brasileiros no enredo de Renato Lage e Lílían Rabelo. [...]O samba descrevia sem rodeios e com uma melodia envolvente cada um dos desejos, enumerados no enredo: a preservação da natureza, alimentação, moradia, melhores salários, segurança, educação e saúde. Anseios encaminhados aos gênios e suas lâmpadas maravilhosas representados na comissão de frente, que veio seguida por uma fonte luminosa trazendo cada um dos pedidos do povo naqueles anos de renovação da fé em nosso país. Nas arquibancadas, o

*povão cantava a plenos pulmões, como um desabafo, os versos em uma clara menção aos anos de chumbo vividos no país.*¹²

A mensagem foi plenamente recebida e ressignificada em ação cidadã, dentro do que os teóricos compreendem como recepção direta e efetiva (CANCLINI, 2003, HALL, 2005). O resultado final do carnaval daquele ano, citado por Gustavo Melo e a referência aos anos da Ditadura foram seus destaques finais. O refrão, cantado a plenos pulmões pelo público, em êxtase, com desejo de exorcizar o legado que os governos militares deixaram para o povo brasileiro foi observado pelo jornalista como ponto positivo, entretanto, sua constatação final, procurou demonstrar que muitas questões ainda estão por ser, plenamente resolvidas.

*Os vinte anos em questão era uma referência explícita ao período de 1964 a 1984, anos em que os militares estiveram no poder. Mesmo assim, com todo o clamor popular a favor, o Império ficou com a terceira colocação. Mas, mesmo após 28 anos de ter sido um dos hinos da abertura política do Brasil, “Eu Quero” continua mais atual do que nunca.*¹³

Um fato curioso é que o refrão, alusivo à Ditadura, catártico para o público, foi cantado com mesma intensidade por uma personagem ligada diretamente ao governo militar, Dulce Figueiredo, ex primeira dama que segundo a nota do Informe JB, “não parou de sambar, cantar e pular”¹⁴. O desfile do Império Serrano se tornou emblemático de uma atitude cidadã, quando a Escola listava os diversos desejos populares numa ação imperativa do querer. O que o povo brasileiro desejava naquele momento eram melhorias na saúde, na educação, uma preocupação ambiental, melhorias na alimentação, moradia, todas as reivindicações de uma melhoria de vida. O desfile foi bastante relevante e demonstrativo desses desejos populares em relação ao que esperar dos governantes na condução política do Brasil a partir de então.

Na questão plástica, os carros alegóricos eram de tamanho reduzido, entretanto, continham um forte simbolismo em suas representações. Sobre a educação, uma alegoria recriava a mesa do professor com alguns quadros negros replicados nas salas de aula. Um que chamou muita atenção é sobre o menor abandonado que merece ser tratado com carinho, respeito e educação. A alegoria, no encerramento do desfile com uma escultura de um louva-deus sobre uma bandeira do Brasil refletia a esperança com

¹² www.extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/imperio-serrano-cantou-um-dos-hinos-da-abertura-politica-11383406.html, pesquisado em 14/11/2016.

¹³ Idem, idem.

¹⁴ *Jornal do Brasil*, 12/2/1986, Coluna Informe JB, p.6.

a Nova República. Todos os símbolos eram de fácil leitura e entendimento. A representação do banquete que todos nós temos direito, a questão da educação, da saúde e das preocupações com o meio ambiente permearam todo o desfile e foi muito ressaltada a ideia de ser o desfile uma declaração popular dos princípios, diretrizes e norteadores do que o povo brasileiro necessitava para ter uma vida plena e ser respeitado integralmente como Cidadão.

O desfile foi concomitante com as eleições e início do trabalho da Assembleia Nacional Constituinte. Assim sendo, o samba se configurou como uma verdadeira declaração de princípios e desejos do povo e por isso que ele foi tão cantado antes e durante o carnaval. O desfile do Império Serrano assim sinalizava uma ampla possibilidade de emissão e recepção, se em relação a visualidade foi simples e objetivo, na questão da sonoridade do Samba a agremiação teve uma grande recepção. O público em catarse cantou junto com a Escola o samba como se fosse de fato uma carta de princípios e desejos em relação ao processo da Constituinte que estava se estabelecendo. Assim, os anseios do povo brasileiro estavam sendo retratados na avenida. Para viver dias melhores e ser considerado plenamente cidadão era preciso exigir direitos de saúde, educação, habitação, preservação ambiental, emprego e justiça.

O desfile em relação a sua visualidade foi menos impactante, entretanto, o samba, por força da mensagem possibilitou a Escola a superar a visível falta de recursos da escola para produzir os elementos de plasticidade. Para uma comparação com a narrativa mais próxima ao período atual, como os críticos analisaram o desfile da agremiação de Madureira, no calor do momento? O desfile foi comentado pelo jornalista Moacyr Andrade, sob o título de “O povo cantou mais forte”, apontando que a performance da Escola ficou aquém do apoio do público que, desde o período pré-carnavalesco já havia escolhido seu samba como um dos preferidos do ano.

Por alguns momentos o Império Serrano fez crer que a apoteose não deixara de existir, apenas mudara de lado. Quando a escola entrou na pista na extremidade oposta à da malsinada praça afinal riscada da obra de Niemeyer, o público, empurrado pelo samba de sua inequívoca preferência, disse apoteoticamente com quem estava. O público queria. A escola que trouxe o samba *Eu Quero* não quis. Não soube querer. Cantou o samba com menos garra do que a arquibancada. [...] Algumas alas tinham suas alegorias muito bem realizadas, como a da casa própria (bem boladas casinhas como chapéus dos componentes), a dos médicos e a dos pequenos estudantes que traziam

capelos à cabeça. [...] Nos carros também registrou-se esse contraste. O enredo, um cardápio de aspirações que estão na boca do povo, foi bem desenvolvido, embora sem uma continuidade maior que evitasse a impressão, aqui e ali, de módulos, de compartimentos independentes. Mesmo com alguns senões de evolução, a escola desfilou bem (é uma das que sabem realmente desfilarem) [...] além evidentemente do samba, o mais popular deste carnaval. Saiu da passarela aplaudidíssima, tal como entrara, recebendo os primeiros gritos de “já ganhou” de 1986. [...].¹⁵

Outro enredo que dialogou com as questões políticas, sob o viés de nossas mazelas sociais foi apresentado pela São Clemente, em 1987, *Capitães do asfalto*, sobre os menores abandonados. Retratando questões de impacto como a situação do menor abandonado, do descaso com a saúde e a educação pública, o déficit de moradias demarca um espaço importante para a Escola do bairro de Botafogo. Clamores com a Constituinte, da qual, três anos depois permitiu a criação do ECA (Estatuto da criança e do Adolescente) um conjunto de leis que procura garantir os direitos das crianças e adolescentes aos elementos básicos para suas vidas.

O ano de 1988 que deveria ser um momento de celebração ou reflexão sobre a questão social do negro no país também abriu possibilidades para a apresentação de outros enredos. Um tira-teima, entre a Unidos de Vila Isabel e Estação Primeira de Mangueira, as duas Escolas que obtiveram maior êxito nesta temática, ajudou a consolidar na memória coletiva, o Carnaval de 1988, como o do “centenário da abolição” e a avenida se tornou o palco para o debate sobre a situação do negro no contexto da época. Se as demais agremiações abordaram o tema de forma econômica ou muito superficialmente, as duas Escolas, Vila Isabel, *Kizomba*, *Festa da Raça* e Mangueira, se destacaram e seus sambas permanecem no imaginário social e se transformaram em libelos da luta pela inserção dos negros, pardos e mulatos no rol dos beneficiários das ações políticas e sociais, por parte dos governos.

As Escolas de Samba clamam pelos Direitos Humanos

Fechando a década, os temas políticos ainda estavam presentes. Em 1989 alguns enredos continuavam a marcar posição, ora na verve crítica ora nas reivindicações por garantia de direitos. A aprovação e outorga da Constituição de 1988, apelidada de “constituição cidadã”, novos direitos foram inseridos, alargando os pontos que deveriam ser corrigidos para que o país alcançasse um equilíbrio social. Na

¹⁵ *Jornal do Brasil*, 12/2/1986, Caderno B, p.6.

vertente da exigência dos direitos, a Unidos de Vila Isabel marcou posicionamento engajado e crítico com o enredo *Direito é direito*. Os autores do enredo e carnavalescos Paulo César Cardoso, Ilvamar Magalhães e Orlando Pereira desenvolveram seu desfile construindo um diálogo com a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948, no período pós Segunda Guerra Mundial. No site *Rio Samba e Carnaval*, o jornalista Marcelo Guireli fez uma síntese de todos os desfiles do ano e sobre a Vila Isabel destacou os seguintes pontos:

Passava das quatro da madrugada quando a campeã de 88 começou a sua apresentação. O enredo “Direito é Direito” comemorava os quarenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Aliás, todos eles foram lidos antes do grito de guerra da escola, que começou seu desfile com muita garra e com a expectativa de empolgar e emocionar o público, já que seu samba era um dos melhores do ano. O carnavalesco Ilvamar Magalhães abriu mão do luxo e organizou um desfile com o propósito de apresentar com clareza o enredo. Nisso ele foi perfeito, mas, no geral, o visual teve altos e baixos. A comissão de frente apresentou mulheres grávidas para representar o primeiro direito: o direito à vida. O carro “Liberdade de Pensamento e Expressão”, todo montado em bonitos tons de verde, mostrou cobras e lagartos saindo das esculturas. Esse foi um dos setores que eu mais gostei. Gostei também do setor que fazia referência a liberdade de credo, do setor que abordava o direito à alimentação e do setor que fechou o desfile, que clamou pela paz. Alguns problemas, como a quebra do Carro da Liberdade (ainda na armação) e a passagem dos Carros da Saúde e da Alimentação completamente fora de suas posições no desfile, prejudicaram o desenvolvimento do enredo. Apesar desses percalços, a empolgação dos sambistas era algo que chamava a atenção de todos. A bateria, com a fantasia de juízes togados, voltou a ter um ótimo desempenho. E o samba, dos melhores do ano, funcionou muito bem no desfile, como já era esperado. No último setor da Vila, o destaque ficou por conta de uma bonita ala de baianas, toda em branco. O carro da Paz Universal fechou o desfile com a participação de Clóvis Bornay. Apesar dos problemas estéticos, a Vila mostrou samba no pé e emocionou!¹⁶

O samba composto por Jorge King, Serginho Tonelada, Fernando Partideiro, Zé Antônio e J. C. Couto expressava a insatisfação com o desrespeito aos direitos do povo e a expectativa que a nova constituição poderia trazer.

É hora da verdade/A liberdade ainda não raiou/Queremos o direito de igualdade/Viver com dignidade/Não representa favor/Hoje, a Vila se faz tão bonita/E se apresenta destemida/Unida pelos mesmos ideais/Lutando com a maior sabedoria/Contra os preconceitos sociais/A Declaração Universal/Não é um sonho, temos que fazer cumprir/A justiça é cega, mas enxerga quando quer/Já está na hora de assumir (eu sei)/Sei que quem espera não alcança/Mas a esperança não acabará/Cantando e sambando acendo a chama/E sonho um novo dia clarear/Clareou/Despertou o amor, que é fonte da vida/Vamos dar as mãos e lutar/Sempre de cabeça erguida/E quando o amanhã surgir, surgir/A flor da paz se abrir, se abrir/Será prosperidade/A brisa vai trazer mais

¹⁶ <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=guireli06>, pesquisado em 25/6/2017.

alegria/No mundo haverá fraternidade/Direito é direito/Está na declaração/A humanidade/É quem tem razão.

Um dos maiores destaques da Escola de Vila Isabel foi a sua comissão de Frente. O diálogo com o artigo 25, da Declaração Universal dos Direitos Humanos é explícita na representação apresentada pela Escola. Vencedora do Prêmio Estandarte de Ouro nessa categoria mereceu palavras elogiosas na edição pós-carnavalesca, sob o título “Grávidas formam a Melhor Comissão de Frente”.

A comissão de frente da Unidos de Vila Isabel, integrada por 15 mulheres grávidas, foi premiada com o Estandarte de Ouro. As gestações, de mais de seis meses, não inibiram as componentes da comissão, que, com fantasias leves e coreografia simples, traziam a mensagem mais importante do enredo “Direito é Direito”, na opinião de seu criador, Paulo César Cardoso: - Estas mulheres grávidas representam o direito à vida, que é a síntese da Declaração dos Direitos Humanos. Este direito, inalienável, é o primeiro e o mais importante. Nossa escola desenvolveu o enredo proclamando os direitos humanos e convidando todos a conquista-los. [...] (SILVA, 2014)

Ao comentar sobre as mulheres que abriram espaços nas Escolas de Samba, nas funções de presidente e compositor, setores majoritariamente masculinos, Luiz Ricardo Leitão exaltou a figura de Ruça relacionando com os enredos que a agremiação, por ela presidida, apresentou durante sua gestão. Destacou, sobretudo o desfile de 1989 e a Comissão de Frente, que ficou no imaginário do carnaval carioca como um momento marcante.

Impossível tampouco esquecer, em 1989, um ano após a proclamação da nova constituição, a oportuna exaltação aos direitos humanos, com o enredo “Direito é Direito”, em que a força feminina se expressava por meio da notável Comissão de Frente, formada por doze mulheres grávidas, com suas barrigas à mostra. E vejam como são as coisas na rude província: os jurados não lhes deram nota máxima, alegando que elas não prestaram a devida referência ao júri ao evoluir diante da cabine... (LEITÃO, 2015, p.206)

Eduardo Silva (2014) corroborou o espanto de Ricardo Leitão sobre a baixa nota obtida pelas grávidas da Comissão de Frente, apontando que [...] “a proposta inovadora não agradou ao júri oficial, sendo o principal quesito em que a agremiação perdeu pontuação naquele ano”. O protesto da presidente Ruça, se fez presente no desfile das campeãs, como informou o *Jornal do Brasil*.

Mesmo sem faixa de protesto, Ruça, a presidente da escola, não poupou críticas aos jurados, que deram nota 7 para a comissão de frente da Vila, composta de mulheres grávidas. “O direito mais fundamental do homem é a vida, que começa no útero materno. A incompetência impossibilitou que os juízes dessem notas justas”. Além do carro alegórico do Direito, com a balança da Justiça, que quebrou no barracão, a Vila perdeu ainda o de Direito à Educação, que enguiçou no meio da Marquês de Sapucaí.¹⁷

¹⁷ *Jornal do Brasil*, 13/2/1989, Caderno B, p.3.

Acordes Finais

As agremiações do Rio de Janeiro, ao longo dos anos 1980 também sofreram com a vigilância dos órgãos de repressão e censura e muitas delas conseguiram criar estratégias para se contrapor ou aderir ao sistema imposto, demonstrando que as agremiações estavam articuladas e participantes na esfera pública onde as restrições e lutas pelos direitos políticos estavam sendo disputados. A utilização de elementos simbólicos e conceitos políticos (liberdade, democracia, cidadania, anistia, povo e nação) nas letras dos sambas de enredo, nas sinopses e nos elementos de visualidade dos desfiles despertavam nos espectadores sentimentos de pertença as manifestações que estavam ocorrendo. Dessa forma, os desfiles e a sua recepção por uma imensa massa de espectadores se tornava um potente canal de comunicação de ideias e ideologias.

Nos anos seguintes, diminuiu consideravelmente a quantidade de Escolas com enredos políticos. Em 1990 tivemos alguns exemplos: Vila Isabel, sobre a reforma agrária; a Unidos do Cabuçu, com a inquietante pergunta, *Será que eu votei certo para presidente?*; a Acadêmicos de Santa Cruz, homenageando *O Pasquim*. Com a nova lógica dos patrocínios e certa subserviência aos recursos das empresas, municípios e estados, as agremiações foram mais polidas em suas críticas e os enredos de maior potência reivindicativa ficaram relegados a segundo plano.

Novas pesquisas poderão trazer à tona novas conexões entre os agentes do campo da cultura em relação aos debates e relações de poder instituídos no campo político. As Escolas de Samba desempenharam seu papel e estiveram presentes nas manifestações culturais e políticas no Brasil dos anos 1980.

Notas Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural; entre práticas e representações*. 2. Ed. Lisboa: Difel, 1990.

FARIAS, Edson. *O desfile e a cidade: O carnaval-espetáculo carioca*. Rio, E-papers, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 1.ed. Belo Horizonte, MG: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JUPIARA, Aloy e OTAVIO, Chico. *Os Porões da Contravenção*. 1. Ed. Rio, Ed. Record, 2016.

LEITÃO, Luiz Ricardo. *Aluíso Machado: Sambista de fato, Rebelde por Direito*. Rio: UERJ/Outras Expressões, 2015, p.205-206.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

SILVA, Eduardo Pires Nunes da. *Azul celeste em vermelho: o projeto carnavalesco de Martinho e Ruça na Unidos de Vila Isabel entre 1988 e 1990*. Dissertação de mestrado em História – UERJ, 2014.